

MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA

Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Série: "Mundo na sala de aula", Segunda Temporada

Episódio 1 - Sementes da Amazônia

Transcrição: Janaína Aleixo (Unicamp). Revisão da transcrição: Soraya Fleischer (UnB)

LEGENDAS

Blocos

Sonoplastia

ABERTURA

Música de abertura: Mudernage - Ellen Oléria

Irene: Oi gente! Eu sou a Irene

Arthur: E eu sou o Arthur, nós somos graduandos de Antropologia na Universidade de Brasília.

Irene: E você está no primeiro episódio do Mundo na Sala de Aula! A série é produzida por estudantes de graduação e pós-graduação da equipe do Mundaréu na UnB e na Unicamp.

Arthur: E nessa segunda temporada do Mundo na Sala de Aula, ou MunSa, como a gente chama, nós convidamos nossas colegas recém-formadas em Antropologia para nos contarem um pouco sobre suas monografias e os processos de pesquisa, de campo, de escrita... E pra compartilhar com a gente os desafios e resultados dessa experiência tão importante pra formação acadêmica, né.

Irene: Sim! A ideia é valorizar os trabalhos produzidos já na graduação, aprender com as nossas colegas, ouvir suas histórias e compartilhar com vocês, público que nos ouve.

Arthur: E hoje nós vamos receber o Bruno Campelo, graduado na Unicamp e já mestrando do Departamento de Antropologia da mesma universidade. O TCC que ele defendeu tem o título: *Mercadores da Floresta: extrativistas do Óleo no Médio-Juruá e suas Economias*, e foi orientado pela Profa. Artionka Capiberibe.

Irene: O Bruno também é nosso colega da equipe do Mundaréu, e foi muito legal poder conhecer mais sobre ele e sobre sua pesquisa. Ele realizou um trabalho sobre a Reserva Extrativista onde viveu sua família, lá no Rio Juruá, e buscou perceber as relações entre humanos e não humanos nas coletas, extrações e trocas das sementes de andiroba, ucuúba e murumuru. E tudo isso através das memórias de sua mãe Vera e sua tia Celina.

Arthur: Massa, Irene! Vamos ouvir?

BLOCO ÚNICO

[barulho de água do rio]

Bruno: A história do meu tema de pesquisa foi um encontro recente assim.

Irene: Esse que vocês ouviram é o Bruno Campelo.

Bruno: Eu tava com uma pesquisa estudando os direitos da natureza, e, e um caso de, do Rio Doce em Minas Gerais que sofreu o desastre de Mariana, a minha pesquisa era envolvendo uma questão na antropologia do Direito, antropologia jurídica. Mas esses ecossistemas ou o próprio rio melhor dizendo não estava sendo representado judicialmente, então eram advogados que tavam trazendo esse debate e eu tava interessado em fazer uma pesquisa sobre isso, e escrevi pro professor Mauro Almeida. O professor Mauro ele foi uma grande inspiração pra mim, junto com a professora Artionka, que teve aqui no Mundarêú né, em um outro episódio, e foi a minha orientadora durante a monografia. E escrevi pro professor Mário Almeida, e aí ele logo me respondeu, me convidando pra tomar um café na casa dele. E naquela ocasião eu tava em São Paulo, e a minha mãe tava em São Paulo, então eu respondi dizendo que a minha mãe tinha nascido no seringal, no seringal no Juruá só que no lado do Amazonas, nos anos 60, e que... seria um prazer conhecê-lo né, e apresentar pra ela, porque pra mim era muito importante apresentar pra ela um pouco desse mundo que eu tava entrando, que é o mundo acadêmico. Só que eu tava totalmente interessado em outro tema de pesquisa e ali ele me cutucou, ele me disse que estaria muito mais interessado em uma pesquisa envolvendo esses saberes sobre a agrobiodiversidade na região onde a minha mãe nasceu.

Vera, mãe do Bruno: Então, aí ele fomos conversando.

Irene: E essa, é a Vera, mãe do Bruno.

Vera: Tudo certo, aí ele olhou pro Bruno e falou: “por que que você não escreve tudo que, o conhecimento da sua mãe? Você tem tudo, você não precisa de nada mais, escreva o que ela te conta, o que ela sabe.”

Bruno: E foi muito chocante pra mim, porque até ali eu nunca tinha me dado conta de que isso poderia ser interessante como tema de pesquisa. Foi depois que eu voltei um pouco desanimado assim dele não tá tão interessado na pesquisa que eu tava levando, e de conversar com a minha mãe, que eu decidi me engajar numa pesquisa sobre a história da minha família materna, né. Nessa aventura né que no século XX os avós dos meus avós vindos do Ceará se engajaram rumo ao desconhecido, até a Amazônia, até a floresta, que é um lugar, era cheio de água, era abundante mas também muito misterioso e muito cheio de seres que a existência, por eu nunca ter ido e ter nascido na capital em Manaus, eu só ouço de ouvir dizer, né, minha mãe conta.

Vera: Eu lembro só da minha avó, que ela mandava a gente pedir licença pra tomar água, na mãe da água que eu nem sabia se água tinha mãe [risos].

[barulho de água do rio]

Irene: Aí, que legal essa conversa entre mãe e filho dar base para um TCC tão bonito como o seu, Bruno! Mas por conta da pandemia, você não pôde ir à campo lá no Juruá, né? Conta pra gente como você desenvolveu sua pesquisa?

Bruno: Foi a partir desse encontro da minha mãe, que se tornou a minha interlocutora de pesquisa durante o TCC, por meio de áudios de *WhatsApp*, porque ela tava lá no Amazonas e eu tava aqui em São Paulo. E a minha pesquisa é uma revisão bibliográfica de pesquisas de campo que foram feitas na segunda reserva extrativista do Brasil, que foi criada em 97, a Primeira foi criada em 90 no município de Carauari. O seringal que minha mãe nasceu ele ficava nos arredores do que hoje é o município vizinho, que se chama Itamarati, que fica no sudoeste do Estado do Amazonas. E, a ideia que eu e a Artionka, eu e a minha orientadora tivemos, foi de

fazer uma leitura dessas pesquisas, feitas na região do médio Juruá, por uma chave antropológica né.

Arthur: Caramba, que interessante! Mas o que essas etnografias que você encontrou, Bruno, descreviam?

Bruno: Essas etnografias elas descreviam as dinâmicas locais de troca, de economia florestal e ribeirinha, que abastece o mercado de cosméticos com a produção de óleos e manteigas vegetais das sementes de três espécies nativas, a andiroba, a ucuúba e o murumuru, que são transportadas por meio de parcerias comerciais com a Natura. E usar as conversas com a minha mãe por áudio foi uma estratégia metodológica que eu usei. Primeiro pra acessar as paisagens de um campo que eu não pude fazer, por conta da pandemia e tudo, mas que eu retorno junto com as memórias dela e, que me esclareciam tudo que eu lia sobre a história desses antigos seringais que faliram lá em Caruari e que levou a consolidação dessas cadeias produtivas de sementes né. Eu consegui aliar uma pesquisa, que eu pretendo fazer campo quando for possível, ao mesmo tempo que voltar pra esse lugar que eu nunca fui, e escrever sobre isso, junto com a minha mãe. E eu creio que esse tenha sido o grande aprendizado e maior aprendizado que eu tive com essa pesquisa.

[barulho de água do rio]

Irene: Nossa, que delicada essa ideia de “voltar pra esse lugar que nunca foi e escrever sobre”, junto com as memórias de nossas mães mais velhas né. Muito legal como o Bruno conseguiu contornar as limitações impostas pela pandemia e dar vida à revisão bibliográfica com as falas da sua mãe, Vera, né?

Arthur: Nossa sim, demais! E imagina a vontade que ele ficou de conhecer o Juruá por si mesmo, ouvir das pessoas, ouvir o rio, coletar as sementes, ver como se extrai o óleo, ir de barco fazer trocas. Eu fiquei curioso só de ouvi-lo, assim como lendo seu TCC que tá muito legal!

Irene: Eu também, Arthur! E olha só que massa: o Bruno defendeu, no seu TCC, a importância de realizar etnografias que abranjam não só a vida humana, mas também as relações com seres não humanos, como é o caso da relação das comunidades que vivem no Juruá com o rio, com as sementes, com a floresta como um todo, né. Seria, então, uma etnografia multiespécies.

Arthur: É também uma forma de questionar o pensamento que se tornou a base da visão de mundo ocidental, que é essa divisão entre natureza e cultura. Esse tipo de etnografia multiespécies nos faz perceber o tanto que esses seres não humanos são atores muito importantes, eles agem e constroem o mundo junto com a gente. Nós, humanos, estamos o tempo todo em relação com os animais, com as plantas, com os minerais, e enfim, tantos seres e elementos que a gente depende pra viver, a gente negocia o tempo todo com eles, né? E em um mundo marcado pelas catástrofes ambientais e pelas mudanças climáticas, esse tipo de etnografia é muito importante para a gente olhar e refletir sobre as consequências das nossas ações. E aí gente, o Bruno conseguiu trazer essas reflexões de um jeito superdivertido e imaginativo, com uma narrativa literária, uma conversa entre duas sementes. A Irene e o Bruno interpretaram esse diálogo e agora, vamos imaginar a gente entrando dentro do Médio Rio Juruá...

DIÁLOGO DAS SEMENTES

[barulho de rio e chuva]

Andiroba (Irene): Uau, quanta chuva! Foi um toró daqueles mermo ein! Eu até pensei que fosse acabar ficando boiada lá no remanso que nem as minhas irmãs de casco. Está bem, está bem... irmãs de fruto, como preferirem! Para mim, somos apenas parte de um mesmo cacho, de um mesmo ramo, de um mesmo galho, de um mesmo tronco, de uma mesma árvore, que veio de uma mesma semente...Ufa! Pensei que não fosse acabar. Mas, pera aí! Se somos parte de uma mesma semente, eu mesma, que sou semente, poderei então dar origem a outras sementes, que serão partes de mim, a semente que veio antes? Que confusão! Todo esse mexe-mexe de água deve ter me deixado assim, variando as ideias. Pois que importa isso! Ainda bem que deslizei para dentro dessa fenda quentinha e úmida. Aqui vou germinar e gerar novas sementes como eu. Basta que eu espere, como sempre fizemos. Sei que vou gerar uma nova vida nesta terra. Serei persistente...

Ucuúba (Bruno): Ei! Psiu! Estou aqui!

Andiroba (Irene): Quem é?

Ucuúba (Bruno): Não está me vendo? Sei que sou pequena perto de você, ó grande semente de andiroba, mas pensei que já me conhecesse, pois costumamos estar bem próximas uma da outra, apesar de que eu sou mesmo rara, estamos praticamente extintas. Sou uma semente de ucuúba. Prazer!

Andiroba (Irene): Hum... prazer! Mas o que você está fazendo aqui?

Ucuúba (Bruno): Ué, o mesmo que você, esperando o meu momento de germinar.

Andiroba (Irene): Já ouvi falar de vocês, vivem próximas aos nossos ambientes. Mas me contaram que vocês eram muito mais espinhosas do que você está parecendo. O que aconteceu?

Ucuúba (Bruno): Não, não, é que você deve estar nos confundindo. Não somos espinhosas, essas são as sementes de murumuru. Elas vivem assim como nós, acompanhando as margens do rio, dos igarapés, dos furos, dos paranás... áreas boas para nos fertilizar, como aqui. E elas, na verdade, não tem espinhos. Quer dizer, não nelas. São os cachos delas e o tronco que são assim, um tanto que espinhosos...

Andiroba (Irene): Murumuru?

Ucuúba (Bruno): É como as chamam. Mas se você prefere os nossos nomes latinos, chamam de *Astrocaryum murumuru*. Já eu sou a *Virola surinamensis*. Muito mais legal né? Mas eu gosto mesmo é quando me chamem de UCUÚBA, U-C-U-Ú-B-A. As sementes de murumuru não são vermelhinhas por dentro como nós, elas são branquinhas por dentro e ficam no pé o tempo inteiro recobertas de espinhos pretos grandes, de modo que fica muito difícil de se aproximar delas. Mas, e você, que cor tem por dentro do seu casco?

Andiroba (Irene): Eu não sei bem, sou meio esbranquiçada, mas meio rosada... Só sei que sou cheinha de óleo por dentro, meu óleo serve para cuidar de inflama...

Ucuúba (Bruno): Escute! É melhor ficarmos em silêncio. Estou ouvindo passos de cutia passando.

Andiroba (Irene): Ah, então é verdade o que contam, que podem nos comer a qualquer momento?

Ucuúba (Bruno): Ah isso sim! Até nos tornarmos como nossa mãe, temos de ter a sorte de não ser comidas por antas, pacas, porcos do mato, veados... são muitos! É que você fica dentro daqueles ouriços fechados e não pode ver, mas eu mesma vi lá do alto, quando ainda tava pra ficar madurinha. Eu observo os movimentos da mata desde que estava no pé.

Andiroba (Irene): E onde estão suas irmãs de cacho?

Ucuúba (Bruno): Não sei bem, nos dispersamos depois que eu caí do nosso cacho que um humano estava levando. Só vim parar aqui porque me contaram o que eles fazem conosco e eu logo resolvi me soltar do galho.

Andiroba (Irene): O que eles fazem?

Ucuúba (Bruno): Dizem que nos levam para um lugar onde ficamos todas ressequidas, bem secas mesmo, perdemos toda a nossa água. Imagina! Como eu vou dar novas sementes se perco minha água?

Andiroba (Irene): [susto] Semente, semente!

Ucuúba (Bruno): É! Ouvei dizer que muitas de vocês são levadas daqui até uma usina, onde lá todas nós somos transformadas em...como eles chamam? Acho que é mercadoria. Nós, que somos as mais raras, não somos levadas com tanta frequência, mas as de murumuru coitadas...as bichinhas não duram nem um minuto no chão numa época dessa. Só sei que elas caem todas juntas, e apodrecem todas juntas também.

Andiroba (Irene): Mas no que somos tão importantes pros humanos?

Ucuúba (Bruno): É que temos muitas propriedades. Você, por exemplo, é famosíssima! Já sabemos que desinfeta feridas e espanta os piuns e mutucas como ninguém!

Andiroba (Irene): É verdade! E vocês, o que possuem de bom que tanto interessam aos humanos?

Ucuúba (Bruno): Alguns chamam de sebo, ou gosto de como os cientistas chamam, os meus ácidos graxos saturados, a minha cera é muito nutritiva! Nós e as de murumuru nos transformamos em manteiga facinho, facinho, e somos muito saborosas! Já o seu óleo...Ouvei dizer que é um tantinho amargo, não é?

Andiroba (Irene): Nós somos Andiroba!

Ucuúba (Bruno): Isso mesmo! As árvores de saia.

Andiroba (Irene): Como é?

Ucuúba (Bruno): É! Os humanos chamam muitas dessas coisas que te falei, mercadorias, de saia: um pedaço de casca que eles colocam entre os galhos deles, fica assim como suas sapopemas! Eles chamam de saia. **E as de Murumuru são espinhosas que só! Olha como vocês são estranhas, só podiam ser da Amazônia!**

Andiroba (Irene): E você não é nadinha, né?

Ucuúba (Bruno): Ah, deixa de gaiatice! Somos a floresta! E agora vamos ficar quietinhas, que lá vem mais chuuvuuva...

[barulho de rio e chuva]

FECHAMENTO

Música: Mudernage - Ellen Oléria

Irene: Vamos ficando por aqui com mais esse episódio do Mundo na Sala de Aula. Espero que você tenha gostado de ouvir sobre a pesquisa do Bruno e as relações entre nós e outros seres da natureza. Vocês podem ler o TCC do Bruno e de outras convidadas do Mundo na Sala de Aula no site do Mundaréu, que é mundareu.labjor.unicamp.br. Nos acompanhe nas redes sociais e no seu tocador preferido!

Arthur: Gostaríamos de agradecer ao Bruno pela entrevista, a toda a equipe do Mundaréu em Brasília e em Campinas, especialmente a Soraya Fleischer e Daniela Manica pela coordenação deste projeto de pesquisa, ensino e divulgação científica.

Irene: Obrigada também a Dona Vera, as sementes de Andiroba, Murumuru e Ucuúba, e a você Arthur, por me acompanhar nesse episódio!

Arthur: É nós, amiga! Obrigada você pelo convite. Tchau, pessoal, até mais!

Irene: Tchauzinho!

[fim da música]